THOMAS HARTMANN

Pelo sim, pelo não...

Entre a safra 1996/97 de 2.710 mil toneladas e as últimas projeções da safra 1997/98, variando de 2.690 a 2.750 mil toneladas, é baixo o grau de probabilidade dos dois limites extremos. Fatores climáticos e econômicos determinarão de qual extremo a realidade se aproximará.

Como se viu na edição de novembro último de *Agroanalysis*, não existe perspectiva de queda da produção mundial, salvo em função de clima. Ao contrário, o quadro é de um aumento vegetativo de 50-100 mil toneladas/ano, com base no crescimento das safras da Indonésia, Gana e Costa do Marfim. A recuperação parcial da Bahia, com a melhora do clima, levará a safra brasileira de volta para 180-200 mil toneladas. A partir daí, a produção só crescerá com a retomada dos tratos culturais e a renovação genética – a depender dos preços e financiamentos eficazes do governo. Uma alta acentuada também estimularia a produção em outros países, mas esta hipótese está cada vez mais afastada, salvo em caso de uma frustração mundial de safras. Sendo assim, o crescimento estimulado da produção mundial, fora dos incrementos específicos citados, foi considerado nas projeções à razão de 0-2% a partir da safra 2000/01.

Um fator à parte é a privatização do comércio de cacau na Costa do Marfim, prevista para outubro de 1999. Seu efeito sobre o mercado mundial – complexo demais para ser detalhado aqui – será altista a curto e baixista a médio prazo. O efeito baixista resulta da elevação brusca da remuneração do cacauicultor marfiniano, cuja renda deverá mais que dobrar a partir da safra 1999/2000 e certamente terá por conseqüência a intensificação dos tratos culturais às plantações. A aplicação de tecnologias agrícolas adequadas – atualmente só praticadas de forma incipiente – resultará na elevação da produtividade das plantações marfiniano entre 10% e 20%, além do crescimento vegetativo já mencionado.

O gráfico 1 foi construído a partir dessas premissas e representa a faixa das variações mínimas a máximas previsíveis. Servem de base a safra 1996/97 de 2.710 mil toneladas e as últimas projeções da safra 1997/98, variando de 2.690 a 2.750 mil toneladas. O grau de probabilidade dos dois limites extremos é baixo. Fatores climáticos e econômicos determinarão de qual extremo a realidade se aproximará.

Projeção do consumo provável

Desde 1980/81, ano da recuperação do consumo mundial após o choque da alta dos preços em 1975/76, a moagem mundial aumentou de 1.580 para 2.860 mil toneladas, a taxa média anual perto de 4%. A elevação maior ocorreu em 1984/85 (7,88%) e houve um único ano, 1991/92, em que o consumo caiu 2,85%. O preço (indicador OICC) em 1985 era US$2.255,00/t e o *stock ratio* 28,5% do consumo mundial. Em 1992, o preço baixara para US$921,00/t (em moeda de 1985), e o *stock ratio* subira para 62,3%. Os dois dados provam que a variação do consumo não guarda relação com preços e disponibilidades. Nos últimos cinco anos, os aumentos se mantiveram entre 1,9% e 7% ao ano, média de 4,15%.

Diante desse quadro, aliado à estabilidade econômica dos países grandes consumidores de cacau, é pouco provável que o aumento médio anual das moagens no período sob estudo fique abaixo de 3%, embora provavelmente não vá superar 6%. O gráfico 2 mostra a faixa de variação entre esses dois parâmetros, partindo das moagens da safra 1996/97 de 2.770 mil toneladas e previsões recentes para 1997/98, entre 2.820 e 2.880 mil toneladas. Salvo fatores imprevisíveis, como uma crise econômica nos países do Primeiro Mundo ou a introdução do chocolate no consumo popular da China, é quase certo que a demanda mundial permanecerá nesta faixa.

Projeção dos estoques

Combinando a evolução da produção com a do consumo, projetam-se os estoques mundiais, partindo de 1.200 mil toneladas em 1996/97, escolhendo-se cenários:

- limite extremo inferior (expansão mínima das safras e crescimento máximo das moagens);
- limite extremo superior (combinando as duas seqüências opostas);
- conjugação das médias das seqüências evolutivas de cada elemento;
- conjugação dos números das duas seqüências mínimas;
- conjugação dos números das duas seqüências máximas.

Os resultados, expressos em *stock ratio* (percentual do estoque sobre o consumo) constam do gráfico 3. O primeiro cenário é impossível (estoque negativo) e o segundo altamen-

Nota metodológica

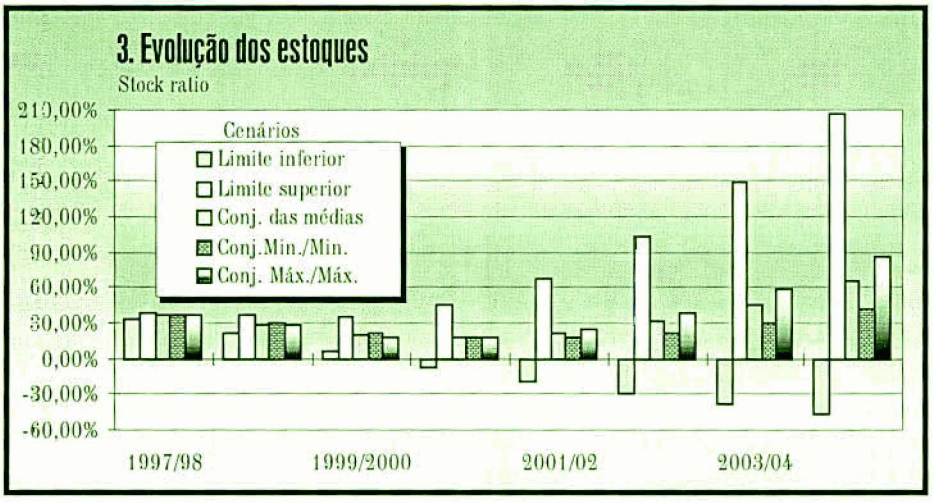
As projeções aqui não usam modelos econométricos. Além da falta de dados macroeconômicos para as formulações, o fracasso demonstrado dos modelos em extrapolar preços provou sua inadequação para a finalidade. Por isso, em vez de tentar prever preços em termos absolutos, o estudo se limitará a indicar suas prováveis tendências.

O trabalho de Bateman partiu da previsão de safras e aplicou seu modelo matemático para extrapolar preços e consumo. Já o estudo da OICC de 1992 se baseou na evolução do consumo, extrapolando a partir deste os outros dois fatores. Em retrospecto, ambos adotaram metodologias basicamente corretas, mas não conseguiram avaliar corretamente a extensão da inter-relação oferta/demanda + preço do cacau.

Hoje, torna-se mais fácil desenhar possíveis cenários de produção e consumo, sabendo-se que o consumo pouco reagirá a variações de preços – salvo quando extremos – e que a produção necessitará de vários anos para concretizar sua reação.







te improvável, confirmando a observação sobre a baixa probabilidade dos limites extremos das projeções da produção. Os outros três cenários evoluem quase identicamente nos primeiros anos e só mostram divergências significativas a partir de 2002/03.

Déficit estrutural a médio prazo

Os três cenários com razoável grau de probabilidade apontam para uma redução dos estoques mundiais nos próximos anos e sua manutenção abaixo do limite de 30% do consumo mundial até 2003. A esses níveis de *stock ratio*, os preços mundiais permanecerão sob pressão de alta, pois o risco sempre presente de uma frustração de safra pelo clima induzirá a indústria de chocolate a manter uma cobertura estendida de suas necessidades futuras. Este risco se acentua na medida em que a Costa do Marfim se aproxima da posição de fornecedor da metade de todo o cacau produzido no mundo. Suas regiões ocidentais, onde se localiza a maior parte das novas plantações, são muito mais suscetíveis a variações de clima do que as áreas tradicionais de plantio ao Leste, na fronteira com Gana.

Pelas três projeções, os estoques mundiais alcançarão seu ponto mais baixo por volta de 2001, quando apenas cobrirão pouco mais de dois meses de consumo. A queda dos estoques para níveis semelhantes ocorreu em 1976/77, quando provocou a explosão dos preços para acima de US$4.000,00/t (em moeda de 1977, hoje equivalente a US$ 10.400,00). Provavelmente, o efeito não seria tão dramático em nossos dias. Na época, o mercado consumidor era muito mais fragmentado que hoje (veja a matéria da edição dezembro de 1997), e portanto mais suscetível a reações de pânico. Mesmo assim, a ocorrência de uma queda da safra mundial por mau tempo, durante os próximos quatro anos, certamente provocará uma alta acentuada do mercado. Já na hipótese oposta, de supersafras no mesmo período, a reação baixista será muito mais moderada. Enquanto durar a conjuntura de déficit estrutural, safras extraordinárias apenas equilibrarão a oferta com a demanda, ou, caso extremo, provocarão um pequeno superávit momentâneo.

AGRISHOW

Não havendo choques de clima para nenhum lado, os preços mundiais deverão evoluir em direção ao patamar de US$2.500,00/t ± US$300,00. Safras acima do normal provavelmente irão segurar as cotações mais perto de US$2.000,00. Já eventuais quedas de produção terão efeitos dificilmente previsíveis, pois dependerão muito do tamanho do déficit gerado e do momento no tempo em que ocorrerem.

A privatização do comércio exterior da Costa do Marfim terá um efeito altista sobre os preços nos próximos dois anos, na medida em que reduz substancialmente o volume da oferta de vendas nas bolsas de futuros. Isto poderá levar a indústria chocolateira a retornar às práticas anteriores de estocar grandes quantidades de cacau físico em vez da sua atual política de comprar para entrega *just in time*. Esta mudança de procedimento, por si só, poderá responder por uma elevação de US$200-300,00/t nos preços mundiais.

Reversão de tendência

As projeções apontam para uma reversão da tendência de déficit estrutural a partir da safra 2001/02. Dependendo do cenário, os estoques mundiais voltarão a superar 40% do consumo entre 2003 e 2005, sendo este o ponto considerado crítico, a partir de onde os preços passam a sofrer pressão baixista mais acentuada.

Perante a imensidão de fatores imprevisíveis prestes a ocorrerem neste interim, seria temeridade entrar em maiores detalhes. A principal conclusão a ser tirada das projeções é que uma evolução positiva dos preços mundiais tem alto grau de probabilidade de persistir até 2001/02, a partir de quando as cotações mundiais deverão voltar a declinar.

Fatores imprevisíveis

Embora seja impossível quantificar seus efeitos e nem mesmo prever se e quando ocorrerão no tempo, existem fatores, cuja incidência futura está no campo da probabilidade e cujas características potenciais podem ser previstas.

Dois desses fatores, caso venham a ocorrer, poderão reduzir a produção mundial e provocar elevação imprevista dos preços:

Convulsão social na Indonésia – A Indonésia parece ser o país mais atingido pela crise econômica do Sudeste asiático. Sua estrutura governamental – oligárquica e corrupta – e sua economia dominada por um pequeno grupo da família e de amigos do presidente Suharto a expõem ao risco crescente de uma revolução popular, dado o estado de miséria em que se encontram camadas cada vez mais amplas da população. Um levante armado generalizado poderá paralisar as exportações de cacau por tempo considerável, além do potencial dano às próprias plantações. A própria notícia provocará uma alta nas bolsas. Atualmente, a Indonésia responde por 10-11% da produção mundial.

Fracasso do programa contra a vassoura-de-bruxa no Brasil – O combate a esta doença envolve a renovação genética de praticamente todos os cacauais na Bahia. Para seu sucesso, o projeto não só exige bom retorno para a atividade, como a existência de um programa amplo e eficaz de financiamento, além de 5-10 anos até sua plena realização. Sob essa ótica, os preços voltarão a declinar em quatro ou cinco anos e o governo, até o presente momento, foi incapaz de implementar um programa adequado de fomento. O fracasso do programa poderá reduzir a produção brasileira a 50-100 mil toneladas/ano. Esta queda corresponde a 3,0-4,5% da safra mundial.

Já outros dois fatores têm potencial de reduzir a demanda e deprimir os preços:

Legalização de sucedâneos – Em outubro de 1997, o parlamento da União Européia aprovou a utilização de até 5% de gorduras não oriundas do cacau para a fabricação de chocolate em todos os países membros, sujeitando-a à colocação de um aviso correspondente, com destaque, na face frontal das embalagens. A indústria chocolateira se opõe a esta exigência por seu efeito publicitário negativo e, caso não consiga derrubar a decisão, não se servirá da facilidade em grande escala. Uma forte elevação dos preços do cacau, no entanto, pode induzir os órgãos reguladores da UE a amenizarem a exigência da rotulação, caso em que o uso dessas gorduras se generalizará. O efeito potencial é uma redução de até 6% do consumo mundial.

Redução do chocolate em artigos recheados – Outro recurso à disposição da indústria; independe de legislação. Segundo dados da Caobisco (1992), cerca de 2/3 da produção de chocolate da UE consistem de artigos recheados. Nos Estados Unidos a proporção é ainda maior. A espessura da camada de chocolate que cobre esses produtos pode ser reduzida em 20-25% sem provocar uma alteração perceptível pelo consumidor. A aplicação generalizada da medida provocaria a queda de 12-13% do consumo mundial.

Visto do ângulo de país produtor de cacau, o quadro indica um rumo claro. Os próximos anos de receita alta precisam ser aproveitados para baixar os custos da produção agrícola, aumentar a produtividade e otimizar a receita da atividade através da implantação de outras culturas rentáveis em áreas impróprias para o cultivo do cacau. Assim, a cacauicultura continuará a ser lucrativa mesmo em níveis de preços mais baixos, podendo, a longo prazo, conduzir a um razoável equilíbrio entre oferta e demanda, como ocorreu nas três décadas iniciais do período abrangido por este estudo.

E-mail: cacauth@svn.com.br

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

MILHO

IRENE RAGUENET TROCCOLI

Equilíbrio forçado

As autoridades deixam bem claro que utilizarão o poder de fogo de que dispõem sempre que necessário para deter qualquer movimento especulativo dos preços.

No fim do primeiro trimestre do ano, o mercado do milho no Centro-Sul brasileiro apresentava a tipicidade da época, caracterizada pela interrupção da colheita da safra de verão em favor da soja. Os preços do cereal momentaneamente interromperam a tendência sazonal declinante, enquanto os agentes atuantes na comercialização retraíam suas aquisições, sabendo que a parada nos trabalhos era apenas passageira.

Dois fatores vêm atuando no equilíbrio desse mercado. Empurrando as cotações para cima, um relativo atraso na colheita de algumas regiões produtoras na região, devido às chuvas que têm atrapalhado os trabalhos no campo. O que dessa vez não aconteceu no Paraná (maior produtor brasileiro), cuja Secretaria de Agricultura estimava, no fim de fevereiro, que 35% da área cultivada com o milho já estava colhida – percentual considerado típico para a época do ano.

A oferta interna potencial do produto puxa para baixo as cotações, por conta dos estoques do governo e pela perspectiva de importações complementares à produção interna ao longo da atual temporada. As autoridades deixam bem claro que utilizarão o poder de fogo de que dispõem sempre que necessário para deter qualquer movimento especulativo dos preços. Um exemplo foi a intervenção no mercado nordestino, no início de março, com leilão governamental de 57,3 mil toneladas do produto, quando o interesse de compra chegou a quase 60%.

O que se pode esperar a curto prazo é que esse gargalo na oferta se corrija à medida que se aproxima a finalização da colheita da soja e se retoma o ritmo normal na lavoura do milho. A médio prazo, as cotações deverão se manter controladas pela entrada de 27,4 milhões de toneladas do produto novo da safra de verão, prevista pela Conab em fevereiro último. Já para o segundo semestre, será fundamental o desempenho da safrinha como coadjuvante no desempenho da oferta, tendo em vista que a importância desta produção complementar tem crescido rapidamente nos últimos anos. Na atual temporada, por exemplo, a Conab estima que a participação desta segunda colheita chegue a 16% do total produzido em 1997/98, ou seis pontos percentuais acima do verificado no ano-safra anterior.

E-mail: iragtroc@fgv.br